

38  
10/11/98  
A-10

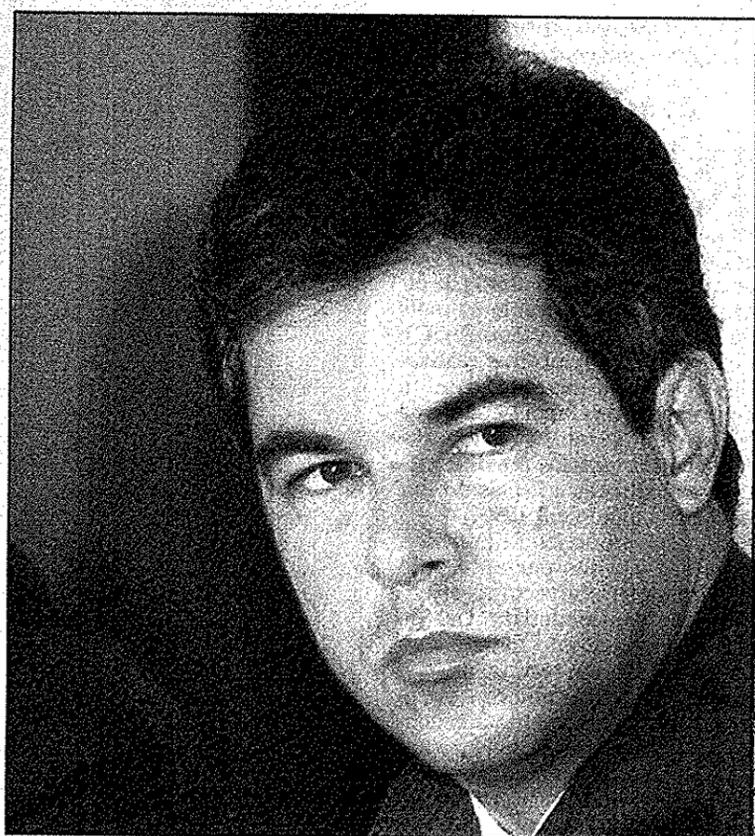
PERSONAGEM

# Petista eleito no Acre buscará parcerias com governo federal

*Sem deixar o tom crítico, Jorge Viana diz que a oposição precisa mostrar caminhos*

GERSON CAMAROTTI

**B**RASÍLIA – O engenheiro florestal Jorge Viana conseguiu um fato inédito na história do PT. Conseguiu eleger-se governador ainda no primeiro turno. Para isso, ele teve que fazer uma ampla aliança no Acre, com apoio do PSDB, do PPS e de mais dez partidos. A aliança, que tirou do poder duas oligarquias que se revezavam entre escândalos de corrupção e práticas de violência no Estado, conseguiu fazer de Viana uma das estrelas emergentes do PT. Com 38 anos, eleito com 113 mil votos, avisa que vai buscar parcerias com o governo federal. Mas não tira o tom crítico de suas análises: para ele, “falta um sociólogo” na equipe do governo federal. Nesta entrevista, ele avalia os desafios que a esquerda terá de enfrentar no governo de seis Estados.



Viana: desafio da esquerda é “conseguir mudar sem mudar de lado”

**Estado – Qual é o maior desafio das esquerdas, principalmente depois de ter conseguido fazer seis governadores?**

**Jorge Viana** – O grande desafio da esquerda é conseguir mudar, sem mudar de lado. É uma esquerda que não abre mão dos princípios que defendemos, mas que tenha uma compreensão de que o mundo está mudando. A própria sociedade exige de todos nós uma atuação que não seja a de fazer exclusivamente oposição por oposição. Tivemos um momento que a esquerda resistiu a ditadura. Depois passamos a fazer oposição da forma mais simples quando ficávamos apontando só os erros. Agora, a esquerda tem que continuar fazendo oposição, mas também precisa mostrar caminhos.

**Estado – Com seis governadores eleitos, os senhores passam a ser vitrine, fato que até então só havia acontecido isoladamente.**

**Viana** – A eleição de seis governadores consolida o modo petista de governar, mas que hoje é também do PSB de João Capiberibe (AP) e Ronaldo Lessa (AL) e do PDT. Dessa vez não foi uma eleição do acaso. Foi eleito um bloco de governadores, que pretendem administrar de forma parecida. Só lamentado que esteja ausente desse grupo o Cristovam Buarque (PT-DF), que seria o sétimo governador e que avançou muito nesse modo de governar, que vamos tentar recuperar a partir de janeiro. Aliás, quem derrotou Cristovam foram exatamente aqueles que o governador tentou servir: os excluídos. Isso porque nós da esquerda, até hoje, não encontramos uma forma de dialogar com as pessoas que queremos servir.

**Estado – Aliás, o governador Cristovam Buarque fez uma aliança no segundo turno que contou com o apoio até do PFL. Dentro do próprio PT já se atribui que um dos motivos da derrota foi essa aproximação com a direita. Como o senhor analisa uma aliança desse tipo, levando em consideração que no Acre a sua candidatura fez aliança com o PSDB já no primeiro turno?**

**Viana** – O Cristovam fez uma movimentação no segundo turno que vai exigir de todos nós uma análise sobre essa postura. Eu concordo com ela, porque num segundo turno só temos dois lados. Em eleições passadas, quando o PT ia para o segundo turno – e eu vivi isto em 1990 –, nos reuníamos para decidir de quem não queríamos apoio. E não o contrário. Agora, o Cristovam teve a ousadia de dar alguns passos à frente. E, neste sentido, se não há comprometimento dos princípios que o partido defende nem dos objetivos do futuro governo, receber apoio não tem nenhum problema político. Acho que a relação com o PFL no Distrito Federal vai exigir de todos nós uma análise – mas não para querer encontrar qualquer relação com a derrota em Brasília – e sim para nós aprendermos para as alianças futuras e nas composições que precisamos ser feitas até mesmo antes das eleições. A esquerda tem de aprender a fazer aliança no primeiro turno, no segundo e fora de eleição.

**Estado – No contraponto desta situação, existem exemplos, como o do governador tucano Mário Covas, em que o apoio do PT foi essencial. Essa é uma mudança que está surgindo com a nova esquerda?**

**Viana** – A política tem duas faces. Não adianta ficarmos discutindo apenas só quem a gente busca para nos apoiar. O desafio da esquerda também é saber o papel que ela desempenha quando está fora da disputa. A eleição do governador Covas é um exemplo. No Brasil inteiro não se tinha dúvida que entre as duas candidaturas a melhor para São Paulo era Covas.

## MODELO DE GOVERNO INDEPENDENTE DA UNIÃO

**Estado – O senhor espera que isso acabe mudando o PSDB, trazendo de volta os**

**tucanos para a centro-esquerda?**

**Viana** – Eu acho que não tem espaço para repetir no Brasil, sob pena de frustração e até tragédia, um governo do presidente Fernando Henrique Cardoso igual ao primeiro. Pelo menos na relação política. A história do rolo-compressor, fazendo aliança com setores extremamente conservadores e fisiológicos, foi perigosa para um primeiro mandato do presidente e será trágica se esse for o caminho a ser buscado nos próximos quatro anos. O PSDB, que é uma lenda de quadros importantes, tem de tomar um rumo enquanto partido. Os tucanos precisam ver que em todo o mundo o diálogo está acontecendo exatamente para um lado mais à esquerda. E as eleições de Covas em São Paulo e a minha no Acre mostraram isso aqui no Brasil. Este tipo de aliança está ganhando o governo de vários países. A Europa toda mudou. Agora aqui, está se pregando a contramão da história e a aliança no plano nacional está indo para a direita. Se eles continuarem neste caminho vão pagar um preço muito caro em 2002.

**Estado – Mas como o presidente Fernando Henrique mudaria a composição de alianças de seu governo agora?**

**Viana** – Realmente, o jeito mais fácil de aprovar medidas e projetos no Congresso é mantendo uma aliança com setores fisiológicos. O jeito mais difícil é fazer isso através do diálogo com a sociedade e setores democráticos. Mas este é o modo de governar mais seguro. Esse é um jeito imprescindível para o segundo mandato do presidente Fernando Henrique. Ele vai ter que fazer uma opção. Alguns falam que num primeiro momento, ele ficará do jeito que estava e num segundo momento é que poderá acenar para a esquerda. Acho que isso também é perigoso. A única coisa moderna que pode existir neste segundo governo é uma grande reforma nas relações.

**Estado – Como vai ser a relação dos governadores eleitos pela oposição com o governo?**

**Viana** – O Lula tem falado uma frase que acho interessante: gover-

nador tem que governar. Vou procurar fazer uma administração sintonizada com as linhas do PT. Mas uma coisa tem que ficar clara: governo é governo e partido é partido. Meu papel agora é de governar para todos e dialogar com todos. A derrota do governo de Cristovam serviu para o nosso amadurecimento. O caso de Brasília é uma lição tanto para os movimentos sociais do Distrito Federal, como também para os companheiros que estavam no governo, como para nós que estávamos acompanhando os conflitos e erros que poderiam ter sido evitados e os avanços que poderiam ter ido além do que foram. Por isso eu tenho a esperança de que depois do governo Cristovam fique um pouquinho mais fácil para nós administrarmos.

**Estado – Como o senhor pretende manter um relacionamento de independência com o governo federal, se 90% da receita do Acre depende de repasses constitucionais?**

**Viana** – A prática dos meus antecessores foi de deixar eternamente o Acre dependente. E não queremos isso. Queremos um modelo de governo que leve em conta o desenvolvimento sustentável na Amazônia. O Acre e o Amapá são Estados bem diferentes que estão numa região do planeta muito especial, onde existe um potencial natural muito rico. Mas falta um governo com planos e metas que possa levar isto

para frente. Por isso quero ter uma relação diferenciada com os órgãos do governo federal. Principalmente o Incra e o Ibama. O Raul Jungmann já me ligou esta semana interessado em dar prosseguimentos a experiência

de assentamentos que realizei na zona rural de Rio Branco, quando fui prefeito. É assim que eu quero trabalhar. Assumindo aquilo que é de atribuição do Estado, fazendo parcerias com o governo federal para conseguir avanços para a população. Esse é o caminho.

**Estado – Qual sua opinião do pacote anunciado pelo governo?**

**Viana** – Fica transparecendo que o pacote foi elaborado por um contador, que usou muito mais a matemática para tentar enfrentar uma crise, que antes de tudo é social. A crise brasileira está dentro do Brasil. Mais do que nunca, nós estamos precisando de um sociólogo e muito menos de matemáticos ou mesmo economistas. Acho que o presidente precisa mandar a equipe econômica dele conhecer o Brasil. Eles estão conhecendo muito mais Brasília e Washington. E talvez muito mais Washington.

## FALTA UM "SOCIÓLOGO NA EQUIPE DO GOVERNO"